A. N. J. DEN HOLLANDER "Problèmatique de la description de la réalité sociale", *Revue de Psychologie des Peuples*, Le Havre, A. 21, n.º 1, 1966, pp. 83-120.

Todo estudioso de psicologia social deve ler êsse artigo, vigoroso e original, escrito pelo atual vice-presidente da Associação Sociológica Internacional. Trata de metodologia, e procura responder à pergunta: em que medida podemos confiar nos trabalhos que descrevem fatos sociais? A descrição de um grupo, de uma cultura, levanta sérios problema. Como um etnólogo, um psicólogo, um sociólogo, pode descrever objetivamente a realidade social de um grupo? Se fizer parte do grupo, não pode ter visão de conjunto. Se fôr apenas observador, pior ainda: "Para a coletividade estrangeira, o etnógrafo ou sociólogo que a visita é um estranho. Permanece aliás como tal, observa de fora a vida de outro grupo, com uma participação pessoal muito reduzida, com conhecimentos e compreensão sempre limitados" (pág. 86). É por estar "de fora", escreve Den Hollander, que o observador pode perceber a cultura observada como "um todo". Parece um todo, porque é um conjunto exterior a êle.

A descrição dêsse "todo" é clàssicamente dividida em classes, introduzindo mais um artifício. "A mais simples percepção ensina que o nosso espaço social tem uma parte de cima e uma parte de baixo, e que ao mesmo tempo, há muitas coisas ainda que, é claro, não são nem altas nem baixas, e se encontram no meio. Assim, no interior de "todo", formam-se sòzinhas três camadas sociais. A organização em tríades é um costume do pensamento do homem, na cultura ocidental" (pág. 87). Essa divisão arbitrária em classe superior, inferior e média não será, em última análise, uma atitude mágica antes que científica? É claro que a divisão em classe é sempre apresentada como simples recurso de trabalho, uma distinção analítica, mas o observador acaba, (diz o autor), tomando a palavra por um fato objetivo. "Um instrumento de pensamento tornou-se então realidade social" (pág. 88).

Den Hollander não dá exemplos específicos, mas o leitor evoca, logo, tantas descrições de inspiração marxista, que sempre propõem uma interpretação em têrmos de luta de classes, embora, muitas vêzes, nem sequer o conceito de "classes" possa ser aplicado

ao grupo estudado. Há problemas sociais que são talvez mais problemas do observador — ou melhor, do grupo ao qual pertence — do que problemas verdadeiros, objetivos, do grupo estudado. Assim, por exemplo, Den Hollander denuncia a mística da alfabetização: "O analfabetismo pode ser, atualmente, indesejável nos países ocidentais; não é por definição um fenômeno de patologia social que seria específico a cada civilização. Uma aculturação imposta prematuramente ou, por assim dizer, "dirigida", que divulga conhecimentos e técnicas em sociedades nas quais essas novidades não terão a mínima função, e, por isso mesmo, não apresentarão utilidade imediata para a maioria; essa aculturação, pois, pode ter conseqüências desagregadoras, não desprezíveis" (pág. 89).

Em todos os níveis da observação, intervém a projeção da própria cultura do observador. É que os fatos objetivos são notados apenas quando considerados como significativos. E são significativos sòmente com relação ao sistema de referências do observador. O problema não se limita à sociologia ou etnologia: nenhum fato é "puro", "científico" em si. O pesquisador só pode descobrir aquilo que procura. O cientista quer verificar uma hipótese. O Autor cita Redfield: "While we describe the community, we often try also to systematize and to justify the revised preconceptions into what we may call a theory or, more modestly, a point of view." Tôda observação é portanto dirigida e parcial, em particular quando o seu objeto é tão mutável como um conjunto de interrelações sociais. *"Não há levantamento definitivo ou totalmente objetivo de um conjunto humano"* (o grifo é nosso).

Além do mais, o observador, mesmo sendo estranho, pela simples presença influencia os membros do grupo observado. Provoca reações. A sua posição é bem diferente da atuação do naturalista: é, diz o A., "um homem que influencia a realidade que procura apanhar e que já por si é um labirinto extraordinàriamente complicado, onde deve encontrar o seu caminho, e que, além disso, se modifica a cada dia". (pág. 99).

O observador tem uma visão algo estática da realidade que procura fixar. Faz um "corte" dentro do tempo do grupo. No seu relato, pode generalizar fatos transitórios, e subestimar processos importantes. Além dos problemas de projeção, de participação, de esquematização, há também a questão da linguagem: como tra-

duzir as vivências do grupo (na medida em que foram percebidas) sem deturpá-las? Nesse ponto intervém outro traço necessário no observador: o *talento*. A apresentação matemática dos fatos é atualmente mais valorizada. Mas o autor reafirma a importância do elemento pessoal, da percepção intuitiva do papel relativo dos fatôres observados, da capacidade de descrevê-los, e de transpô-los sem adulteração para a linguagem científica — aquilo que o autor chama "o elemento artístico".

Será dizer que a descrição objetiva de uma cultura não seja possível? O pesquisador deve ser ao mesmo tempo artista e cientista, intuitivo e rigoroso, conhecer os limites do seu alcance e utilizar o jôgo das interrelações entre a cultura estudada e a sua própria. Não pode haver, diz o autor, descrição etnográfica perfeita. Mas qualquer observação traz informações interessantes, conquanto o pesquisador permaneça cônscio das ambiguidades e das limitações de sua tarefa. Do ponto de vista metodológico, é um instrumento pouco seguro. Essas considerações de Den Hollander não são de todo negativas. Representam uma advertência não desprezível. Têm em particular o grande valor de denunciar a pseudo-objetividade que, na aplicação, pode ter efeitos perigosos. Daríamos como exemplo essa tendência lastimàvelmente comum em nosso meio, a de transpor para uma realidade original os modelos elaborados por outra cultura. Êsses modelos são tomados como ponto de partida para generalizações e, às vêzes, até teorias, que não chegam sequer a apresentar a caricatura da realidade. A meditação crítica, como a de Den Hollander, é lição de honestidade, e de verdadeiro rigor científico.

MONIQUE AUGRAS